

ESBOÇOS

POEMAS
ROSEANA MURRAY

MINICONTOS
EVELYN KLIGERMAN



APRESENTAÇÃO

As irmãs Evelyn Kligerman e Roseana Murray nos oferecem nesses Contos, ditos microcontos, uma pequena e consistente visão de mundo, do seu mundo.

Afetos, medos, esperanças, desmoronamentos, fugas, desejos.

Um baú de memórias nos convida a abri-lo para descobrir tempos outros que se foram, que se fundem com o agora.

Uma viagem que se inicia na Polônia, em pequenas aldeias judaicas e desembarca no Grajaú, no Rio de Janeiro, onde as irmãs nasceram.

Em suas longas e brilhantes trajetórias, a poeta e a ceramista derramam sobre nós, fragmentos de momentos vividos por Evelyn, que se espraiam na poética de Roseana.

Não há economia nem avareza de sentimentos nos quadros escritos, que vão se formando na torrente narrativa/poética "Aprendi tarde demais para que déssemos as mãos", diz Evelyn na Carta ao Pai.

Sim, "será difícil sempre", mas possível graças à memória e ao amor.

Ao leitor cabe mergulhar em sua própria história- memória. Descobrir que também pode escrever a cada dia o que lhe traz identidade, valor, arte, resistência.

Evelyn e Roseana nos deram esse presente.

Cristiano Mota Mendes, ator, músico, escritor.

Cristiano Mota Mendes - Escritor

EVELYN KLIGERMAN



Evelyn Kligerman é minha irmã. É ceramista e escultora. Fez a sua formação no México e na Costa do Marfim e tem seu atelier em Visconde de Mauá.

Parece que trabalha o barro cavando em busca de fósseis enterrados e traz nos seus contos memórias antigas, as que sobreviveram.

Evelyn sopra nessas memórias para que dancem diante do leitor. Sua escrita é seca, enxuta, essencial, às vezes como um vento que soprasse do deserto, e de muito longe se ouve o rumor das caravanas.

Os contos são terrivelmente belos. Escrevi para cada um o seu poema, a sua síntese.

Roseana Murray - Poeta

ROSEANA MURRAY



Roseana Murray é poeta em tempo integral. Recebe em casa escolas públicas em seu Café, Pão e Texto e os leitores do Clube de Leitura da Casa Amarela.

Gosta de ler, escrever, conversar, distribuir poemas.

Noite Africana

O muro era baixo. Sobre ele, duas crianças sentadas balançavam os pés.
Pés pretos, pés brancos. No fundo do quintal, a mãe preta da criança branca e a mãe preta da criança preta cozinhavam, falavam alto, suas vozes juntas com a música alta do rádio.
Faziam sardinha frita.
A criança branca sentia uma felicidade tão imensa. Queria estar lá para sempre.
Num ímpeto, olhou sua amiga e pediu desculpas.
Desculpas de quê?
Por quê?
Ela baixinho diz... por ser branca...
Essa lembrança turva e forte colou como um ímã em sua pele.

Pausa para tempo

A mulher branca, com longas pernas que já alcançam o chão, com os pés descalços afundados na terra do restaurante africano (maqui), abre as portas e gavetas da memória.
A África era lá atrás?
A África é agora, com seus cheiros e cores dançando ao seu lado?
Não precisa mais pedir desculpas.
A noite quente e úmida exala sua maresia.
Quando acordar, a mulher branca irá à feira comprar sardinha.

E.K.

*A noite africana
habita a memória milenar
com seus cheiros
e tambores e o coração
às vezes bate
em seus compassos
e os passos de hoje
cabem nas pegadas
das mulheres sentadas
sob as estrelas.*

R.M.



Sementes

A lembrança é tão nítida, cheia de cheiros e cores, que é como se esse tempo estivesse no agora.

Tinha uma mesa redonda com pais, tios e primos.

Enquanto conversavam, o som misturado das palavras me aquecia como um cobertor pesado de inverno.

Era uma rua sem saída cheia de miosótis.

Eu amava caminhar sozinha contando paralelepípedos.

O destino eram os estalinhos. Minhas pequenas mãos colhiam aquelas quase pérolas, elas explodiam, e meu corpo inteiro se enchia de felicidade.

Às vezes ia acarinhando devagarinho. Meu coração tinha pressa, então apertava com delicadeza até ela se abrir jorrando seus frutos.

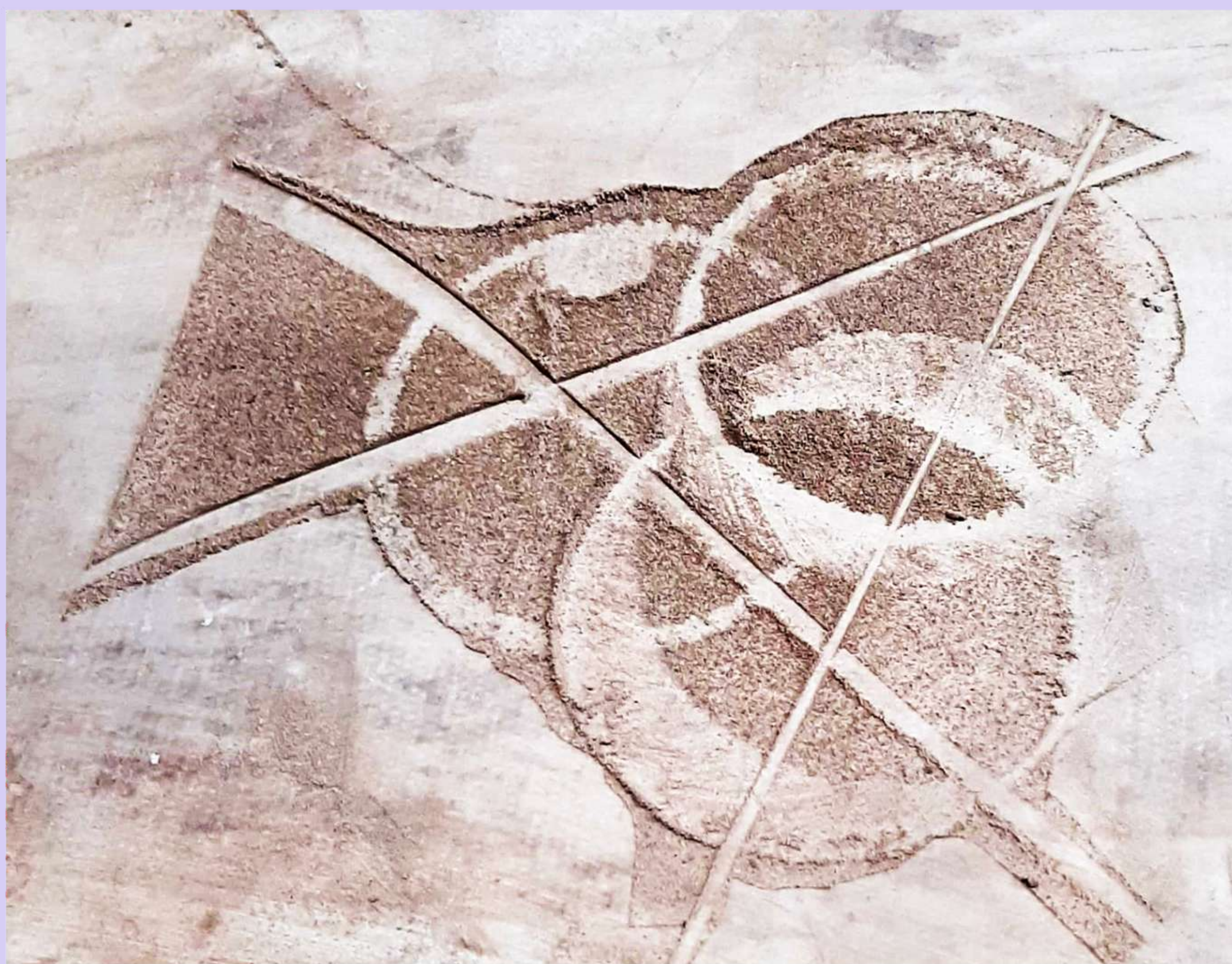
Estalinho era o nome das minhas pequenas alegrias.

Que, junto com as vozes aquecidas em mim, fizeram meu frágil e firme alicerce.

E.K.

*Até onde podemos
andar para trás,
anos, séculos, milênios?
Até a infância é o tempo
de um suspiro,
e logo está tudo ali,
esparramado,
somos nós as sementes
de quem já foi embora.*

R.M.



Carta ao pai

O que fazer com esse osso preso na garganta?

O que fazer quando o relógio das palavras não ditas para?

O que fazer quando o tempo te deu um ponto final, e já não deu mais tempo de nada?

Não sei o que fazer.

Foram 31 anos de desencontro porque eu não soube te ler.

Porque você trazia um oceano, e eu não sabia nadar.

Apreendi tarde demais para que que déssemos as mãos.

Teu mundo não era o meu, tua história não era a minha.

A jovem rebelde cheia de arestas te arranhava, e ficávamos os dois perplexos olhando para o nada.

E de repente o tempo parou. E foi quando eu soube do imenso amor por você, e como foi difícil caminhar com esse vazio dentro.

Será difícil sempre.

E.K.

*Em algumas linhas tortas
se pode dizer o não dito?
o vazio enterrado no corpo
como se enterra um morto?*

R.M.



Ossos

De criança, amava um brinquedo de madeira que juntos formavam bairros, cidades.

E assim a construção, a arquitetura das coisas sempre viveram em mim.

Quase como organizar o desencontro de tudo. Assim com palitos, canetas, pequenos gravetos.

O corpo começou a querer trabalhar comigo.

Os ossos.

O barro foi minha ferramenta.

De minhas mãos inventava, com as vértebras quebradas, um alfabeto estranho.

Virou obsessão. Retas, tortas, desequilibradas.

De todos os jeitos, de todas as cores.

Preciso desse exercício para entender o barro, a pedra, a alma, a vida.

E.K.

*Os ossos possuem
sua língua, seus segredos.
De mistério em mistério
crescem até decidirem
que chega.
Então a pessoa pensa
que está pronta,
mas é ilusão ou quimera.
Às vezes tudo
se desorganiza e não
há maneira de voltar
ao lugar.*

R.M.



A louça rachada

Amava jogar o termômetro no chão e colher o mercúrio na palma da mão.
Como algo em mil pedaços podia ficar inteiro outra vez?
Ela veio passar uma semana em minha casa.
Teríamos onze, doze anos?
Veio com uma mala.
Minha melhor amiga da escola.
Felicidade imensurável.
Dia 1:
Decidimos jogar algo, não lembro qual jogo.
A memória traz o instante em que lhe digo sorrindo:

 você está trapaceando

Devagar ela se levanta, vai ao telefone e pede para a mãe vir buscá-la.
Não adiantam súplicas nem choro nem desculpas.
Meu mundo acabou, se espatifou em mil pedaços.
Mas não era mercúrio.
Nem como os japoneses que juntam os cacos de uma peça rachada e rejeuntam com ouro.
Vejo essa cena se repetir muitas vezes e tenho uma mala onde junto todos os meus cacos.
Não tento costurá-los.
Gosto de brincar com eles.
Quando canso, os guardo delicadamente para que não me arranhem de madrugada.

E.K.

*Dentro do armário
se empilham
pratos que vieram
de muitas eras,
desencontrados.
Alguns intactos,
outros com alguma borda
quebrada, alguma trinca,
rachadura.
Mas o que importa
é a família com fome*

*em volta dos pratos,
numa noite longínqua,
onde todos ainda existiam,
e a voz de cada um enchia
a sala de jantar, o tilintar
dos talheres eram sinos
e parecia que a vida
seria para sempre.*

R.M.



Um longo segredo

Lugar comum: me apaixonei pelo namorado da minha melhor amiga.

Éramos inseparáveis os três.

Por muito tempo, escondi até de mim esse amor, até encontrá-la e falar desse segredo, oculto por tantos anos.

Houve outros, não só de amor.

Uma sucessão deles.

Parece que temos álbuns onde colecionamos cuidadosamente tudo que não pode ser dito.

Quando as gavetas abrem, o espelho quebra.

Quebra-cabeça infinito.

E.K.

*Segredos são as conchas
onde o céu e o medo
reverberam.*

*Nas profundezas da noite
podemos ouvir baixinho
as palavras que não podem
ser pronunciadas,
para que a Terra não saia
da sua rota.*

R.M.



Vertigem

Felizmente acordei antes do final.

Se o sonho continuasse, saberia quem tinha caído naquele poço sem volta. Era alguém muito íntimo, e ainda ouvia meus gritos de pavor.

Lá fora os tiros pipocavam, e ainda era tão cedo.

Tento voltar ao sono, apesar da eterna guerra, cotidiano da cidade de cima com o asfalto.

Mas me mantenho desperta.

O dia se desenrola com cheiro de vertigem.

Corrupio e cambalhota. Lembrei rindo dessas brincadeiras, da sensação de alegria e desamparo que me provocavam:

Rolar, girar até cair.

Estico meus braços e começo a rodar, rodar vertiginosamente até perder o equilíbrio.

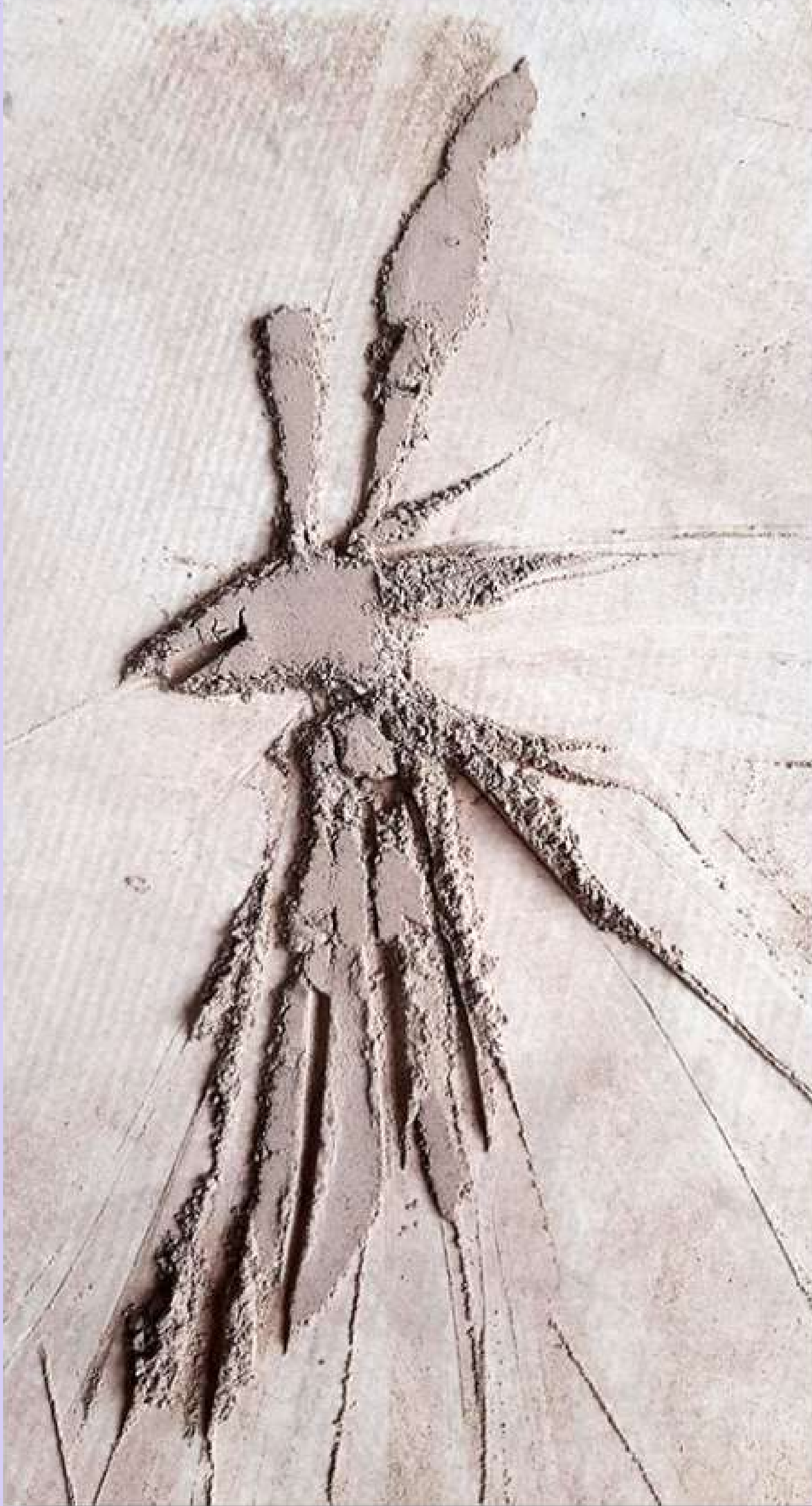
E a gargalhada vem, cada vez mais forte, e viro criança outra vez.

Apesar de.

E.K.

*Rodar e rodar e rodar
e o céu e o sol giram
juntos
e a Terra e a Lua nos braços
e todos se dão as mãos,
se abraçam,
e nada de mal
nunca acontecerá*

R.M.



Espelho

Descendo as escadas do avião, com o coração aos saltos, não via a hora de rever a família, amigos, ruas, cheiros, depois de tantos anos fora.

Queria contar, com todos os detalhes, todas as vivências, encontros, desencontros. Pura ilusão. Não havia tempo para que a ouvissem. Não importava o que havia vivido, aprendido, apreendido... suas palavras não tinham eco, era como jogar a bola na parede.

Passara quase toda a sua vida fazendo barulho para que a olhassem. Criança, gritava socorro para que a escutassem.

Quando a mãe morreu, já tinha paz para entender esse silêncio.

Quando o pai morreu, andava pelas ruas sem entender como tudo seguia seu rumo sem ele.

Agora, aprendera que era ela quem tinha que sentar à sua frente e, com toda a calma, começou a lhe contar, desde o começo dos tempos.

E.K.

*Atrás do espelho
há um prego bem batido,
mas de vez em quando
o espelho entorta
por vontade própria,
quem sabe se
porque adivinha
a nossa alma,
e por fim, um dia caia
e se estilhace.*

R.M.



Banalidades

Era uma noite chuvosa, fria e poluída. Estava na maior cidade do mundo naquele momento.

Fila imensa para pegar o "pesero", um tipo de van. Caras cansadas, fim de turno para chegar logo em casa. Na minha frente, conforme a fila andava, havia um homem deitado no chão, desacordado.

Eu recém chegara ao país, mal falava o espanhol.

Olhei atônita em volta, mas ninguém esboçava a mínima reação.

Um homem de terno, bem vestido, deitado no chão frio e molhado.

Queria gritar, pedir socorro, mas não consegui.

Fiquei com esse grito preso na garganta, que me assombra até hoje.

E.K.

*Quando nossa cegueira
ofusca o outro,
quando o outro
nem é gente, é nada,
um pacote esquecido, amontoado
de roupas usadas,
um objeto atravancando
a calçada,
no muro está escrito
em letras indeléveis:
atenção,
ponto de não retorno,
a humanidade acabou*

R.M.



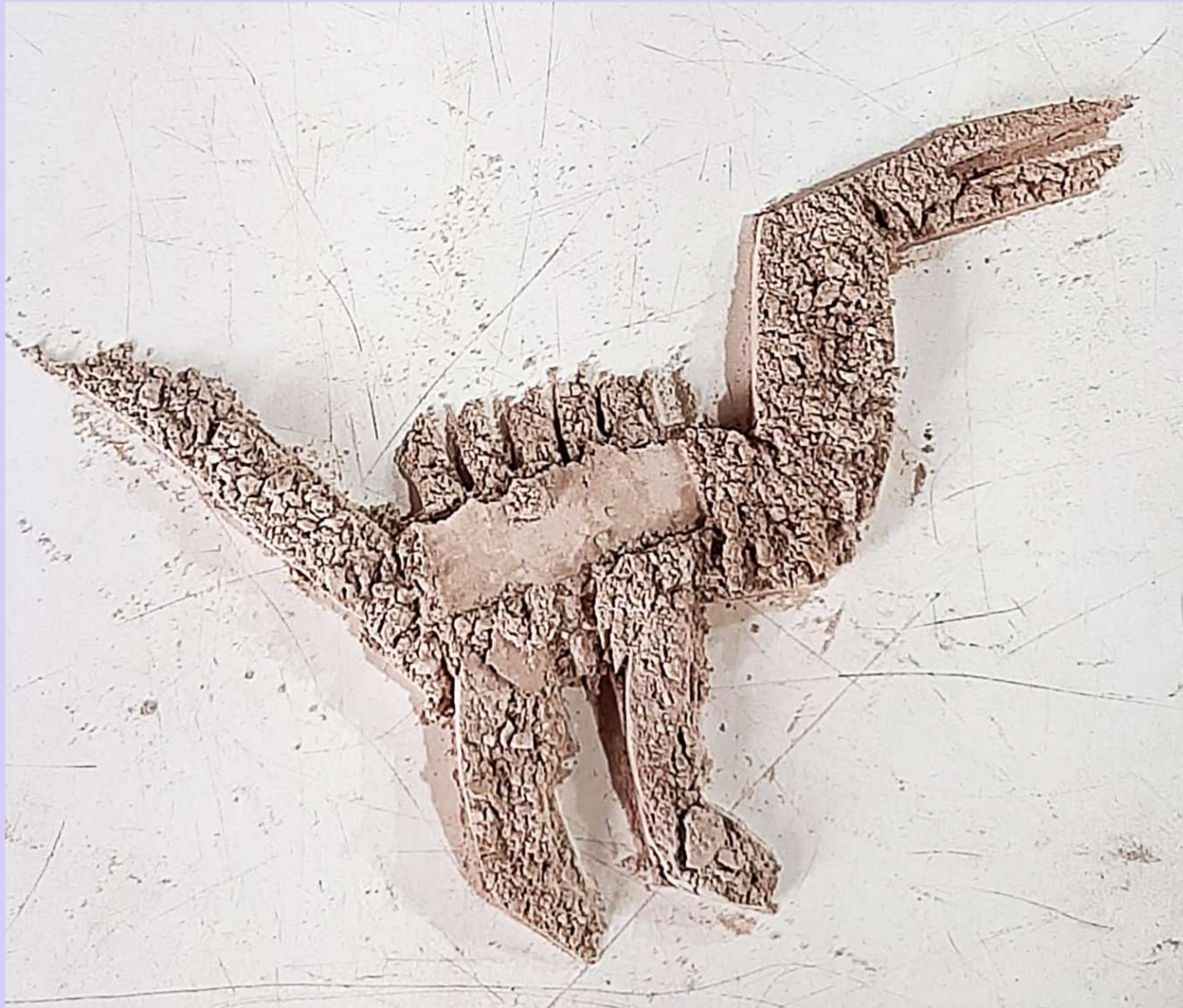
Torcida

Jogara todas as fichas na filha.
Desde criança na natação, competições, clubes, tudo ia num crescendo.
A filha nunca reclamava.
Cada vez a mãe mais feliz, então era nadar e nadar cada vez mais.
Não era isso que queria para si.
Gostava de canto, de escrever. Mas o tempo na água consumia todo o seu tempo.
Chegou o dia das olimpíadas. Plateia cheia, família, amigos.
E o sorriso da mãe lá longe.
No meio da piscina, algo travou. Algo disse não.
E foi nadando devagarinho.
Quando acabou, sorriu para sua mãe, agora seríssima.
E foi o dia mais feliz da sua vida.

E.K.

*Um caminho
de água, de pedra, de ar,
por onde a vida andarás?
Onde se abram as asas
dos desejos.*

R.M.



Encontro

E você, como está?
Fiz tudo o que tinha que fazer.
Enterrei e pronto.
Tenho raiva. Me deixou um atelier gigante para eu arrumar, selecionar, doar,
jogar fora.
Por que tinha que morrer assim sem aviso prévio? O que faço com tanta tralha?
Dinheiro que é bom, nada!
Era artista, eu, filha única.
Sim, deixou uma casa. Longe, vou ter o trabalho de manter e vender.
Em que trabalhava?
Madeira, sucata e pintura.
Entro ali e sinto vontade de vomitar. De gritar. Sair correndo.
Ok, obrigada, vou me acalmar.

A vontade de sair correndo entrou dentro dele.
Se despediram, ele tão impressionado com a frieza dela.
Lembrara de sua própria mãe. Linda, tão amorosa.
Parecia outra a que havia conhecido tempos atrás. Quando entrava em seu café,
era uma mulher doce que o recebia.
Uma vez marcaram um encontro. Que nunca aconteceu.
E quando a viu hoje, antes que se falassem, queria abraçá-la e dizer que sim, que
se encontrassem, que não desse errado dessa vez.

E.K.

*É também na alma
que a vida trabalha,
com seu cinzel de tempo,
com remendos e suturas
de amor e ódio,
cataventos de dor
e alegria.
A matéria às vezes
é como argila ou veludo
acolhe a noite e
seus sussurros,*

*mas pode ser o ferro
que se desfaz com salitre,
ou aço indestrutível,
e então talvez a água
das lágrimas...*

R.M.



Desaparecido

Tinha sido um grande amor de juventude.
Eram inseparáveis. Cinema, teatro, caminhadas, passeatas.
Depois veio o silêncio. Chamá-lo não tinha eco.
Por onde andaria? Tinha medo de procurá-lo.
Sua mãe, pelo telefone, dissera que o haviam levado.
Não sabia dos seus passos proibidos. Só pensava em como podia tê-la abandonado.
Conseguiu, depois de muitas buscas, saber onde ele estava. Queria ir, mas sabia que poderia entrar e nunca sair.
Passou o tempo, e um dia lembrou dele. Telefonou para sua casa e ouviu sua voz.
Ele reconheceu a sua imediatamente, falou seu nome.
Marcaram um encontro.
Estranhou vê-lo com a mãe.
No lugar dos seus olhos, duas bolas de vidro.
Tocou suas mãos.
As mesmas que um dia descobriram seu corpo e deram um sentido em sua vida.
Saiu correndo.
Dessa vez foi ela que o abandonou.
Por que não o deixara desaparecido para sempre?

E.K.

*Do passado ninguém
volta igual,
como se houvesse saído
de uma fotografia.*

O tempo arranca pedaços

R.M.



Chave

Quando a chamaram da escola, não podia imaginar o que ouviria sobre sua filha. Aquela da qual falava a diretora não era a menina doce e tímida que tinha em casa. Foi um relato de horrores. Lista de maldades, traições com seus companheiros.

Negou tudo quando a confrontou. Em quem acreditar?

Era sua menina, sua amada menina.

Mãe psicóloga, uma filha assim, que mistério.

Como pôde não perceber?

Quando estavam juntas, aninhadas, a olhava tentando decifrar seu olhar.

Sempre negando, apesar das inúmeras visitas suas à escola, ouvindo o que não queria ouvir.

A culpa cresceu dentro dela. Onde errou?

Já adulta tornou-se irreconhecível.

Pode uma mãe não sentir seu filho como seu?

Diagnóstico: Psicopata.

E criou uma caverna para sobreviver. Um mundo paralelo, onde a filha não cabia.

Um dia fechou a porta dessa caverna.

E muitos dias e noites depois, encontrou a chave que havia perdido.

E.K.

*Às vezes a chave se perde,
e é como perder um oceano,
uma cordilheira,
todas as palavras de amor
estão ali, atrás da porta trancada.*

R.M.



Esperança

Trinta minutos é o que tinha para resumir sua vida numa pequena mala. Conseguira uma vaga num trem, que o levaria ao cais. Iria sozinho, sua mulher e filha teriam que esperar.

Meia hora.

Olhava em volta... E os livros? E os quadros? E as fotos de família e pais e avós?

Apenas uma mala pequena, lhe disseram.

Sempre soube que isso ia acontecer. A guerra era implacável, e o que restava era um fio de esperança de chegar vivo e poder resgatar a família depois.

Muitos anos se passaram depois da viagem do meu pai.

Nunca voltou, e vivemos o horror da guerra, fome e saudade.

Vejo meus netos e a fotografia deles juntos, na galeria de fotos da família.

Outra guerra se aproxima. Agora são os filhos e netos que pegarão o oceano buscando um lugar de paz.

Eu fico com meus mortos.

Com a sabedoria de saber que guerra é sempre.

E.K.

*O oceano repousa
sobre os mortos,
sobre os que partiram
e não chegaram,
sobre os que partiram,
chegaram e não voltaram
O oceano é a imensidão
que guarda a saudade
de tantos.*

R.M.



Casa de meninas

???????

Era noite quando ela me ligou. Queria me encontrar.

Havíamos terminado nosso turno, nos despedimos como sempre, com cansaço, carinho e cumplicidade.

E também alívio, dia sem sustos, nenhum transtorno.

Me surpreendi com o convite.

Ali estávamos na pizzaria, eu e ela.

Ouçó:

Ele quis me beijar. Fiquei horrorizada! Não deixei! Ele tocar e inundar seus lábios com os meus seria abrir um portal sagrado. Muito medo e desejo, foi o que senti.

Ele delicadamente sussurrou no meu ouvido... vou voltar!

Pergunto:

-E você vai deixar?

"Talvez"

E.K.

*Um beijo, às vezes,
não abre só o corpo,
destranca porteiras
secretas, indevassáveis,
abre caminhos inimagináveis,
traz lembranças esboçadas
em neblina espessa,
acordes de uma canção
escrita numa língua
esquecida,
num tempo
que nem foi vivido,
que nem existiu.*

R.M.



Conto

Buscava um tema para seu conto. Pedia aqui e ali, perguntava a todos. Nada lhe tocava. Olhava sua casa, seu jardim, seus vizinhos. Como era possível não ter nenhuma ideia? Imaginava cenas cotidianas, crianças num balanço, jovens de bicicleta, casais apaixonados.

Almoços de família, brigas de famílias.

Brigas entre irmãos.

Irmãos que se amam.

Guerra. Esse sim poderia ser o tema de um conto, com suas infinitas histórias.

Mas não queria algo assim tão violento.

Poderia ser o ofício de um pintor, com suas cores e telas e sua angústia frente à tela branca, ele também sem saber como preencher aquele vazio.

Ou sobre uma viagem. Ou solitária ou com um grupo de amigos.

Também um acidente. De carro ou algo natural, como uma pedra que desliza e cai sobre uma casa. A família escapa? Se muda?

Também tem o tema "medos". Um, dois, milhares de medos.

Escreveria sobre cada um desses?

Resolveu ir dormir. Quem sabe um sonho lhe ajudaria?

E.K.

*Não há um mapa
sobre a nossa vida,
as fronteiras são difusas
ou não existem.
Não há cerca
que não possa ser movida,
nem há passaporte
para que possamos entrar
em nossos cantos secretos.
Não há lonjura onde
a escrita não possa chegar.*

R.M.



Eu amava aquele globo

Não sei você... mas eu amava aquele globo terrestre. Ficava meio de lado, e eu girava bem rápido, fechava os olhos e deixava o dedo em riste. Onde parava era meu destino. Assim começava meu teatro particular. Podia ser russa, inglesa, cubana, da África ou das Ilhas Canárias. Podia até ser esquimó. Ou do deserto. Sentia frio, calor e tinha no armário as roupas mais inusitadas, para todas as ocasiões. Não era só imaginar o país. Era a família, a escola, os amigos. Um dia o dedo tocou na Polônia. Senti um frio na garganta. Como imaginar a família? Sabia de cor que era exatamente o contrário. País de sol, pais poloneses e um armário vazio. Nesse dia o globo de plástico desenhado perdeu seu encanto. Como dentro de um espelho, tive que olhar o meu próprio destino.

E.K.

*A terra flutua
no vasto Universo, dança sua
própria música
no silencio do cosmos,
o emaranhado de vozes
e vidas.*

R.M.



N.A.

Decidira seu tema do mestrado.
Cada semana ia a um encontro dos Narcóticos Anônimos fazer entrevistas. Era jornalista.
Anos atrás sua família a internara num manicômio.
Razão: uso de drogas ilícitas.
Foram meses terríveis, mas o conheceu ali.
Se apaixonaram. Se encontraram no horror e na promessa de amor.

Subiu as escadas devagar.
Prédio decadente.
Na sala um grande círculo.
Puxou uma cadeira e passou os olhos pelos olhos de cada um.
E seus olhares se cruzaram.
Sentiu um frêmito dentro de si.
Por que ele estava ali?
Recaída?
Quando a reunião terminou, ele veio ao seu encontro e a abraçou.
E disse baixinho... quero você, quero você.
Estou limpo, não tenha medo.
Tive medo.
O medo impeditivo.
Não era a primeira vez.
Arrisco?

E.K.

*O medo é o lobo
que espreita no fundo
do bosque
o coração se esquece
do sangue
a boca não se lembra
como se pronunciam
fujam fique cante.*

R.M.



Neta

Espera, não vá embora ainda, preciso te contar...
Éramos oito ou nove naquele helicóptero.
Estava grávida de seis meses.
Voávamos sobre o Atlântico.
Aterrorizados.
Foram empurrando um a um para o nada.
Na minha vez, já na borda da porta, fingiram me atirar, segurei minha barriga e,
pronto, estava eu jogada no chão da aeronave.
Nunca soube por que me pouparam. Algum fragmento de humanidade daquele
soldado, talvez.
Nunca soube quem era o pai da minha filha.

Não tenha pena de sua avó. Fizemos uma linda família, nós três.
Não, não preciso te contar o que aconteceu depois.
Ando confusa. Às vezes acordo e sinto meu corpo caindo no vazio.
Às vezes sonho que fujo com meu bebê pelo deserto.
Um deserto sem oásis.
Tenho obsessão com a imagem das minhas mãos cavando um buraco infinito.
Mas hoje, nesse buraco, encontrei você.
Não era sua mãe, era você.
E minha vida me foi devolvida, então já posso partir.

E.K.

*Uma vida se amarra
em outra vida,
num cordão infinito
de mulheres,
até o começo do mundo,
na mão de uma,
a mão da outra,
seus rios, estradas,
desertos, montanhas.*

R.M.



Trem

Andava com fantasias estranhas.
Teria seis, sete anos?
Viajava com a família.
Tinha um trilho de trem. Sua mãe ao volante.
Quando o carro começou a atravessar, ouviu um longo apito.
E ouviu seus gritos alucinados, e a mãe e o pai gritando para que parasse de gritar.
Fechou os olhos com muita força. E viu. O trem passava sobre eles. Esmigalhava tudo e todos.
Quando abriu os olhos, estavam do outro lado. Deu tempo.
Carregava esse segredo. Vieram outras imagens. Manteve seu silêncio.
Como contar para a família que vivia em estado de terror?
Seria loucura? Algo grave?
Começou a escrever.
Vieram contos, romances.
E ia desfazendo o novelo de sangue.
Com sua mão parava o trem, o carro não batia, o avião não se espatifava.
E pôde, pela primeira vez, se olhar inteira no espelho quebrado.

E.K.

*Atravessar o espelho
não é como passar
de uma rua para outra
ou enfiar a linha na agulha.
Do outro lado há
um amontoado de medo,
como se fosse lixo
e há que separar
o que corta, fere, mata,
para que um rosto
possa se delinear inteiro.*

R.M.



Sonho

Foram quase 30 anos, mais precisamente 28 anos e meio.
Senti quando era agarrada, e sem pensar dei um golpe, e ouvi o barulho da cabeça no chão. Era forte, fazia artes marciais. Mas quem acredita numa preta alegando legítima defesa, ao lado de um corpo branco estendido no chão?
Tive que me reaprender e sobretudo inventar artimanhas para seguir acordando cada manhã numa cela repleta e mínima.
Fechava os olhos e imaginava cantos de pássaros, era minha meditação.
Sabiás, maritacas, canários, os bem-te-vis.
Regia aquela orquestra, numa floresta repleta de pássaros. E sobrevivia com aquela música interna.
Um dia, chegou o último dia. Portas abertas. Livre. Feliz?
Como alguém é livre sem saber como recosturar sua vida?

Acordo molhada de suor. Tonta, sem entender. Olho pela janela, e ali está a mirra cheia de flores, o céu azul.
Ouço as vozes, mãe, pai, irmãos.
Ouço meu coração galopando.
Ao meu lado, na cama desfeita, repousa o livro com sua personagem que se misturou comigo, e eu já não sei se foi tudo um sonho ou se o livro entrou dentro de mim, só sei que me sinto livre, livre, livre!
Abraço o livro, desço as escadas da casa, saio aos pulos, não existe a prisão, mas o coral de pássaros me faz levitar, estão vívidos em mim.

E.K.

*Não se sabe a matéria
de que são feitos os sonhos,
se de céu e mar,
de imensidão,
ou de portas trancadas,
enquanto pouco a pouco
a noite fia a manhã
em seu tear de galos.*

R.M.



Casa

Meses e meses procurando a casa dos meus sonhos. Era incansável, andava pelas ruas, perguntava em todos os lugares, ia com os corretores, e nada.

Quando recebi o telefonema, já estava desacreditada.

Marcamos às 14hs em frente ao prédio. Lindo, rua arborizada, 3 andares, sem elevador. Subimos as escadas e minha ansiedade quase não me deixava respirar.

A porta abriu e o cheiro putrefacto nos golpeou violentamente.

Era lindo, antigo, os velhos móveis ainda ali.

Entramos na cozinha cheia de larvas e bolor, e só queria sair voando dali.

Precisei de um tempo para decodificar a simbologia da situação.

Era só comprar e alguém varreria aquela energia ruim para fora.

Quem viveu ali?

Depois soube.

Um casal de velhinhos, ele morrera e ela entrou numa ausência absoluta de desejos e de vida.

Solidão.

Por muitos anos aquele fantasma da casa podre me acompanhou.

Mesmo com a reforma, a luz entrando pelas janelas, a árvore imensa com suas folhas na varanda, ainda morava em mim o esforço feito da reconstrução. Do que somos capazes.

E hoje, com minha casa ensolarada à venda, pronta para partir, a felicidade de junto com a limpeza real e metafórica, ter a plenitude de que reconstrução é sempre.

E.K.

*Pela janela aberta
o sol varre a casa,
as camadas de tempo
acumulado,
as lágrimas petrificadas,
transformadas em cristais,
o piso empoeirado.
A luz entra sem cuidado
e devassa
as teias de aranha
das memórias perdidas
de quem morou ali.*

R.M.



Evelyn



Roseana



FICHA TÉCNICA

"ESBOÇOS"

POEMAS

Roseana Murray

MINICONTOS

Evelyn Kligerman

APRESENTAÇÃO

Cristiano Mota Mendes

ILUSTRAÇÕES

Obras de Evelyn Kligerman
Desenhos criados com pó de barro.

EDIÇÃO FOTOGRÁFICA

Luis Mérigo

PROJETO GRÁFICO

Jiddu Saldanha

ISBN : 978-65-85568-05-0

[CLIQUE AQUI](#)

